

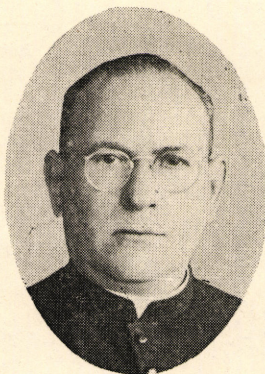
INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

MINAS — BRASIL

CACHOEIRO DO ITAPEMERIM

Estado do Espírito Santo

* 7 - 9 - 1893



Vitória

Estado do Espírito Santo

+ 19 - 11 - 1970

Valentino Cricco

Companheiros, desde o longínquo 1906, no saudoso Colégio São Joaquim de Lorena, jamais teria suposto, que seria eu o incumbido de escrever-lhe a carta mortuária. Designios da Providência!

Eram seus pais: Luiz Cricco e Tecla Veregiani Cricco. Eram colonos italianos, que vieram de um povoado Veneziano, na Itália. Estabeleceram-se primeiramente em Cachoeira Grande, hoje Ilha da Luz; depois numa herdade, em So turno. Tiveram 5 filhos: Ângelo, Pedro, Rosa, Valentim e Maria, esta, a única sobrevivente.

Destes cinco filhos, três foram religiosos salesianos. Ângelo, ainda clérigo, pediu para ser missionário, e faleceu em Coxipó da Ponte, perto de Cuiabá. Rosa, irmã salesiana, também falecida, e o Pe. Valentim, do qual escrevo esta carta.

Duas famílias, Cricco e Agrizzi, vizinhas na Itália, aqui também o foram. À tarde se reuniam para rezar o santo têrço. Um dia em cada casa. Esta fervorosa devoção a Nossa Senhora, lhe mereceu a graça de ter três filhos religiosos. Verdadeira bênção de Deus. Tendo o Valentim um irmão salesiano, quis também segui-lo na carreira salesiana. Chegando em Lorena, tendo o pai conversado com o Diretor, Pe. Leão Muzzarelli, dispôs-se a tomar o Noturno. O pequeno Valentim não se deitara, extranhando a mudança da vida campestre pelo pátio murado de um colégio, disse consigo: "Eu aqui não fico". Ao ouvir o apito da máquina, a mala já pronta, desce as escadas, mas, o fiel guardião, o cão, lhe embarga a saída. Podia êle dizer: "Sou salesiano por graça de Deus e medo do cão", como o jovem, que entrando na igreja do convento, com medo da polícia, se tornou bispo.

Entrou no Colégio São Joaquim, em Lorena, São Paulo, em janeiro de 1906, onde fez o admissão e o ginásio. Finda a 4.ª série, foi admitido ao Noviciado, na Escola Cel. José Vicente, em 1912, onde recebeu a bat'na das mãos do inspetor, Pe. Pedro Rota, em 28-1-1912.

Em 1912, o aspirantado foi para Cachoeira do Campo e para lá foram os filósofos, onde o Pe. Cricco fez a primeira profissão, em 29-1-1913. Voltou com os aspirantes para Lorena, em 1914, onde terminou a filosofia, fazendo aí o 2.º trienal, em 28-1-1916. O primeiro ano de tirocínio foi feito em São Paulo, o 2.º e 3.º, os fez em Cachoeira do Campo, 1916 e 1917.

Como estivesse a Europa em guerra, foi com seus três companheiros: Mioti, Lelis e Gama para o Uruguai, onde já estava a turma anterior, a nossa, que éramos sete. O Gama adoeceu e voltou logo para o Brasil. No Uruguai fez o 1.º ano de teologia e os votos perpétuos em 19-12-1918, recebendo as ordens menores.

Terminada a guerra, voltou com seus dois companheiros para o Brasil e, em Lavrinhas fez o 2.º ano de teologia, em 1920.

Foi para Foglizzo, na Itália, onde, com os companheiros, agora com mais o Estelío Dalison, terminaram a Teologia, em 1921 e 1922. Foi ordenado sacerdote, em Turim, no dia 10 de junho de 1922, pelo nosso bispo Dom Guilherme Piani.

Voltando para o Bras'l, foi destinado, como conselheiro, em Lavrinhas.

De 1924 a 1929 nós o encontramos em Niterói, como conselheiro do Colégio Santa Rosa. Voltou a Lavrinhas, ainda como conselheiro em 1930 e 1932.

Demonstrando sua capacidade de trabalho e sua salesanidade, foi nomeado diretor do Colégio São Joaquim, onde havia 27 anos entrara como aluno.

Terminado seu triênio em São Joaquim, foi nomeado diretor de Cachoeira do Campo.

Necessitando, em 1940, de seus préstimos em Recife, foi mandado como diretor de nosso Colégio Sagrado Coração; apesar de ser de outra inspetoria, não fez dificuldade, obedeceu imediatamente, como sempre fez, às ordens dos Superiores.

Em 1944, voltou para nossa inspetoria, sendo destinado como caetquista do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, em Campinas e em 1945 foi com o mesmo cargo para Vitória.

Criada a inspetoria São João Bosco, em 1948 e tendo passado para a nova inspetoria, as duas casas de Goiás, em 1949 e 1950 ele foi nomeado diretor do Ateneu Dom Bosco, em Goiânia. Terminado seu sexênio, foi destinado à Casa de Vitória, em 1956, como professor, confessor e encarregado dos ex-alunos. Aí faleceu no dia 19 de novembro de 1970.

Eis amados rimãos, o longo curriculum vitae de nosso saudoso extinto; resta-me agora dar os caracteres de sua personalidade.

Era um salesiano **observante** nas práticas de piedade. Jamais omitiu a meditação e a leitura espiritual; como seu inspetor, em todas as casas por onde ele passou, eu o encontrava sempre assíduo nessas práticas.

Era um gênio **alegre**, com uma risada franca e espalhafatosa; onde ele estava aí reinava a alegria, pelos seus contos exagerados.

Genuíno espírito salesiano de **sacrifício**, sempre no pátio com os alunos, modelo de assistente salesiano. Morreu na brecha; após a santa missa e o café, só saiu do pátio, quando os alunos foram para as aulas.

Não aparecendo para o almoço, foram ao quarto, estava fechado por dentro; sobem à janela e o encontram, sentado no chão, encostado à parede, já morto.

Não posso omitir dois depoimentos, um de seu diretor, Pe. Cabral e outro do nosso irmão mais idoso de nossa inspetoria, Sr. Armando. Diz o Pe. Cabral: "Da minha parte devo dizer que o Pe. Cricco foi sempre um religioso exemplar. Eu fui seu aluno em Lavrinhas, no longínquo 1932, e no entanto, era com edificação minha, que eu o via vir **pedir licença** a mim e consultar a respeito de alguma coisa que ele tencionava fazer. Foi sempre um ótimo conselheiro, que tive ao meu lado, nestes anos que vivemos aqui em Vitória. Sua pobreza então era exemplaríssima. Foi por muitos anos o cronista da casa.

Os sacerdotes da cidade se confessavam com ele. Um deles quando me veio trazer suas condolências, em tom de gracejo, me disse que o Pe. Cricco tinha levado para o túmulo, os pecados de todos os padres da cidade. Confessava também muita gente do povo que vinha até de outras paróquias".

Assim diz o Sr. Armando: "O que me impressiona, e todos nós somos testemunhas, é ele ter conservado as sãs tradições salesianas, o amor às regras e o uso constante da batina, embora esta não fosse obrigatória. Será para nós sempre o sacerdote exemplar e dinâmico que até o fim da vida iluminou o nosso caminho, que temos a percorrer, com uma vida de trabalho e amor à Congregação".

Era um orador inflamado, que prendia a atenção do auditório. Grande patriota que Deus fizera nascer no dia da Independência e morrer no dia da Bandeira.

Seu enterro foi uma apoteóse. Nossa vasta capela estava superlotada. A missa concelebrada pelo Sr. Bispo Auxiliar, Dom Luís Fernandes, com 13 sacerdotes; falando ao Evangelho o Sr. Bispo, fez um belo e comovente elogio fúnebre.

Após a missa seguiu-se o grande cortejo para o cemitério, apesar do tempo chuvoso, havia mais de 300 automóveis.

Ao baixar à tumba, deu-lhe, comovido, o último adeus o seu companheiro de infância no Colégio S. Joaquim.

Meus caros irmãos, ultimamente a morte tem colhido os salesianos repentinamente, o que nos faz meditar.

Oremos para que, junto de Deus, ele alcance a perseverança para nossas vocações, especialmente, de numerosos co-estaduanos seus, afim de serem salesianos de sua tempera.

O veterano irmão, nas lides de Dom Bosco,

Pe. Alcides Lanna Cotta
Belo Horizonte

O veterano infante, nas fileiras do 1.º Regimento de Infantaria, foi o primeiro a ser ferido, no dia 1.º de setembro de 1914, durante a batalha de Tannenberg. A sua ferida foi grave, e ele ficou incapacitado para o combate. Foi levado para o hospital de campanha e, depois, para o hospital de triagem em Varsóvia. Lá, ele ficou durante alguns dias, até que foi transferido para o hospital de convalescença em Berlim. Durante a sua estadia no hospital, ele ficou sob o cuidado de enfermeiras alemãs, que lhe prestaram todo o cuidado necessário. Ele ficou muito grato por ter sido tratado com tanta humanidade e respeito. Depois de alguns meses de recuperação, ele foi dado de alta e voltou para casa. Lá, ele ficou durante alguns meses, até que foi chamado para o serviço ativo novamente. Ele continuou a servir no mesmo regimento, e participou de várias outras batalhas durante a Primeira Guerra Mundial. Ele foi ferido novamente em 1918, durante a ofensiva de primavera. Apesar das suas feridas e da sua idade avançada, ele continuou a lutar com coragem e determinação. Ele foi condecorado com a Cruz de Ferro de Primeira Classe por suas ações de guerra. Depois da guerra, ele continuou a servir no exército alemão, e chegou ao posto de Coronel. Ele foi condecorado com a Cruz de Ferro de Segunda Classe e com a Cruz de Ferro de Terceira Classe. Ele morreu em 1945, durante a evacuação dos prisioneiros de guerra alemães para o oeste. Ele foi enterrado no Cemitério de Soldados Alemães em Munique.